



## EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA POR MEIO DO RAP: Música como agente transformador

Alicia A. SILVA<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo é um relato de pesquisa sobre a utilização da musicalidade do rap como ferramenta na educação antirracista, com base em pesquisa realizada para trabalho de conclusão de curso em Licenciatura em História. O rap, adotado pela população marginalizada, desenvolveu características únicas ao combinar poesia, denúncia e informação, emergindo como uma linguagem de resistência. Assim, o rap se configura como um importante aliado na prática da educação antirracista, servindo como um instrumento de conscientização e promovendo um espaço de diálogo e reflexão através de suas letras.

### Palavras-chave:

Racismo; desigualdade; História; cultura; afro-brasileira.

### 1. INTRODUÇÃO

No Brasil, especificamente na década de 1990, houve uma mudança significativa no que tange ao movimento negro na luta contra o racismo. Esta mudança ocorre com a introdução do Rap. Essa forma de expressão musical emergiu como nova ferramenta de enfrentamento à violência racial e social, permitindo que a juventude negra periférica brasileira das grandes metrópoles se erguesse contra a realidade desigual à qual estavam submetidos.

Como uma política de estratégia ativa contra o racismo, e promoção de conscientização, as rimas confrontam e desafiam o sistema. As vozes de rappers, como as do grupo brasileiro Racionais Mc's<sup>2</sup>, como mostra a música *A vida é Desafio*, do álbum “Nada como um Dia após o Outro Dia”, lançado em 27 de outubro de 2002.

“Isso é reflexo da nossa atualidade/Esse é o espelho derradeiro da realidade/  
Não é areia, conversa, chaveco/Porque o sonho de vários na quebrada é abrir um  
boteco/Ser empresário não dá, estudar nem pensar/Tem que tramar ou ripar para  
os irmãos sustentar/ Ser criminoso aqui é bem mais prático/Rápido, sádico, ou  
simplesmente esquema tático/Será instinto ou consciência/Viver entre o sonho e a  
1merda da sobrevivência.” ( Racionais Mc's, 2002)

Junto ao Racionais, nomes como Dexter, Mv Bill e Sabotage se destacam, se unindo às batidas potentes criadas a partir de influências de vários estilos musicais, como Blues, Soul, Funk e

<sup>1</sup> Graduanda de Licenciatura em História pelo IFSULDEMINAS - E-mail: alicia.alves@alunos.ifsuldeminas.edu.br

<sup>2</sup> Racionais MC's é um grupo brasileiro de rap fundado em 1988 na cidade de São Paulo. É formado por Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e KL Jay.

Jazz e assim, expor as injustiças e desigualdades sociais enfrentadas pelas comunidades periféricas.

Deste modo, o professor da Universidade Mackenzie, Arnaldo Daraya Contier, afirma:

“Os rappers não são heróis, em seu sentido romântico, mas a coragem de agir e falar sobre problemas da realidade e silenciados da vida cotidiana pela historiografia em suas canções marcadamente ritmadas e repetitivas levam a um novo tipo de inserção social, pois, agora, os despossuídos sociais começam a contar as suas próprias histórias não ajustadas a pensamentos políticos e ideológicos tradicionais, causando um certo "desconforto" entre setores das elites políticas e intelectuais tradicionais” (CONTIER, Arnaldo, 2005)

Assim, o rap caracteriza-se pela reinvenção do cotidiano através da oralidade de pessoas comuns que denunciam em suas rimas problemas graves vivenciados nas situações sociais extremamente adversas e totalmente negligenciadas pelos “Donos do Poder” (CONTIER, 2005). Ressaltado por, Renato Luiz dos Santos Rocha: “o discurso racializado do rap é uma arma que é disparada ao mesmo tempo tanto no mito da democracia racial quanto sobre o consenso ou estratégia do silêncio sobre a questão racial no Brasil” (ROCHA, Renato, 2020).

Diante do exposto, o rap como manifestação cultural se torna um importante aliado na promoção de princípios da educação antirracista entre eles, o da eliminação do eurocentrismo dos currículos escolares, o ensino das histórias de diferentes grupos étnico-raciais e o fortalecimento do autoconceito de estudantes que pertencem a grupos marginalizados (CAVALLEIRO, 2001), visto que o rap se dispõe a contribuir para a prática docente, podendo ser utilizado como nova metodologia de ensino aprendido, fortalecidos pela lei 10.639/2003<sup>3</sup> que estabelece a obrigatoriedade do ensino de "história e cultura afro-brasileira" dentro das disciplinas que já fazem parte das grades curriculares dos ensinos fundamental e médio.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Bell Hooks (1952) traça caminhos para uma educação antirracista ao afirmar que é imprescindível transformar o estado atual para promover mudanças no processo pedagógico. Em sua obra *Ensinando a Transgredir: A Educação como Prática da Liberdade*, Hooks argumenta que ensinar é um ato de resistência e que, por meio de uma pedagogia transformadora, é possível assegurar a participação ativa e o compromisso mútuo entre professores e estudantes em sala de aula. Para a autora:

“A Educação é o caminho que possibilitará reflexões e elucidações que precisam ser democráticas, progressistas e que não reforcem opressões. A

---

<sup>3</sup> LEI No 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003.

Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

Educação precisa ser engajada, humana e que desperte uma consciência crítica e comprometida contra todas as formas de injustiças sociais, além de ser “revolucionária e profundamente anticolonial” (HOOKS, 2017, p. 11).

Pode-se aliar o pensamento de Hooks ao do pedagogo brasileiro Paulo Freire e sua teoria da Práxis libertadora. O termo *práxis*, em Freire, envolve outras categorias, como dialogicidade, autonomia, ação-reflexão. É definido por Ricardo Rossato como “a estreita relação que se estabelece entre um modo de interpretar a realidade e a vida e a consequente prática que decorre desta compreensão levando a uma ação transformadora”. Para alcançar a libertação Freire (1987) enfatiza a importância de homens e mulheres compreenderem suas necessidades, sua realidade concreta e os complexos que moldam as relações sociais. Esse processo não consiste em "explicar às massas, mas em dialogar com elas sobre a sua ação" e sobre a realidade, visando promover uma inserção crítica na sua própria realidade "através da práxis, pelo simples fato de que nenhuma realidade se transforma por si mesma" (FREIRE, 1987, p. 55).

A partir deste ponto de educação proposta por Bell Hooks e Paulo Freire justifica-se que discutir uma educação antirracista é essencialmente discutir o processo histórico da população negra, o que já vem sendo proposto pelo Movimento Negro Brasileiro que sempre esteve na luta por uma educação antirracista ao considerar que a escolarização define processos de empoderamento, entende-se que ela não apenas promove o desenvolvimento individual, mas também contribui para a formação de um poder coletivo, que é reforçada por Nilma Lino Gomes

“Uma coisa é certa: se não fosse a luta do Movimento Negro, nas suas mais diversas formas de expressão e de organização – com todas as tensões, os desafios e os limites -, muito do que o Brasil sabe atualmente sobre a questão racial e africana, não teria acontecido.” (GOMES, 2017, p.18).

A implementação de uma educação antirracista é essencial para sustentar ações antirracistas no ambiente escolar, estabelecendo uma base sólida para promover a conscientização e a equidade racial. Essa prática será efetiva somente se ouvirmos as vozes dos educandos, permitindo que suas perspectivas sejam expressas e valorizadas como "gritos de esperança" (FREIRE, 1992, 32). O rap se destaca como uma metodologia aliada na promoção de uma educação antirracista e decolonial, pois reconhece e valida os saberes e discursos das populações historicamente marginalizadas, prevenindo a continuidade do epistemicídio, termo definido pelo sociólogo Boaventura de Sousa Santos como "a destruição de saberes e conhecimentos de grupos sociais dominados, parte integrante do processo mais amplo de dominação cultural, política e econômica característico do colonialismo.”

### **3. MATERIAL E MÉTODO**

Para fundamentar a pesquisa sobre o papel transformador do rap, foi realizado um levantamento bibliográfico abrangente. A análise incluiu: Consulta-se obras como Educação Antirracista: Fundamentos Teóricos e Práticas (Nilma Lino Gomes) e Pedagogia do Oprimido (Paulo Freire), que discutem teorias e práticas para promover a igualdade racial e desconstruir estereótipos.

A compreensão das diretrizes legais foi baseada em Políticas de Promoção da Igualdade Racial no Brasil (Lélia Gonzalez), que fornece uma visão das leis e regulamentações sobre diversidade étnico-racial. Metodologias Críticas de Ensino: teoria da pedagogia crítica, descrita em Pedagogia do Oprimido (Paulo Freire) foi utilizada para justificar a integração do rap na educação, enfatizando a importância da transformação social e do pensamento crítico. As letras das músicas de rap mencionadas foram analisadas para identificar temas relacionados à resistência, denúncia social e racismo. A pesquisa também analisou a linguagem e o conteúdo cultural presente nas canções para conectar com os princípios de uma educação antirracista.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados indicam que o rap desempenha um papel crucial na educação antirracista, atuando como uma ferramenta eficaz contra desigualdades sociais e raciais. A fundamentação teórica de Bell Hooks e Paulo Freire apoia o uso do rap na pedagogia, promovendo uma abordagem mais crítica e democrática. A Lei 10.639/2003, que exige o ensino da história e cultura afro-brasileira, oferece um contexto legal favorável para a integração do rap nas práticas educacionais.

#### **5. CONCLUSÃO**

A pesquisa demonstrou que o rap é uma ferramenta eficaz na educação antirracista, promovendo a história e cultura afro-brasileira e desafiando o eurocentrismo nos currículos. Baseado nas teorias de Bell Hooks e Paulo Freire, o rap contribui para uma pedagogia mais crítica e inclusiva. Contudo, desafios como a formação de educadores e resistências institucionais precisam ser abordados. Futuras pesquisas devem explorar a implementação do rap em diferentes contextos e desenvolver estratégias para superar essas barreiras.

#### **REFERÊNCIAS**

- CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e anti racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001.
- CONTIER, Arnaldo **rap brasileiro e os Racionais MC's**. An. 1 Simp. Internacional do Adolescente Maio 2005.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1986
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Editora: WMF Martins Fontes. São Paulo, 2013.